

**MÚSICA DA ANTI-
GÜIDADE, DO PE-
RÍODO PRÉ-
HISTÓRICO E MÚ-
SICA ORIENTAL**

VISÃO GERAL

Chamamos de *Música do Período Pré-histórico* à música dos povos pré-históricos e daqueles de civilizações antigas (período variado, que pode abranger até cerca de 150.000 anos atrás). O registro musical desse período é inexistente, e todos os estudos feitos sobre tal música baseiam-se exclusivamente em gravuras e outros desenhos encontrados em cavernas. A *Música da Antigüidade* inclui a dos gregos e de outros povos da Antigüidade Ocidental. A *Música Oriental* inclui a música do Extremo Oriente (China, Japão, Índia, Coreia, Filipinas, Indonésia e outros países).

MÚSICA DO PERÍODO PRÉ-HISTÓRICO

Quando nasceu a música? Como as primeiras manifestações musicais não deixaram vestígios, é praticamente impossível responder. Alguns estudiosos nem tentam; outros enfrentam o problema com base naquilo que se sabe sobre a vida humana na Pré-história e preenchem as lacunas com certa dose de imaginação. Mas nenhuma hipótese diz com exatidão o momento em que os primitivos começaram a fazer arte com os sons. Ao que parece, o homem das cavernas dava à sua música um sentido religioso. Considerava-a um presente dos deuses e atribuía-lhe funções mágicas. Associada à dança, ela assumia um caráter de ritual, pelo qual as tribos reverenciavam o Desconhecido, agradecendo-lhe a abundância da caça, a fertilidade da terra e dos homens. Com o ritmo criado — batendo as mãos e os pés —, eles buscavam também celebrar fatos da sua realidade: vitórias na guerra, descobertas surpreendentes. Mais tarde, em vez de usar só as mãos e os pés, passaram a ritmar suas danças com pancadas na madeira, primeiro simples e depois trabalhadas para soarem de formas diferentes. Surgia, assim, o instrumento de percussão. Os barulhos da natureza deviam fascinar o homem desses tempos, dando-lhe vontade de imitar o sopro do vento, o ruído das águas, o canto dos pássaros. Mas, para isto, o ritmo não bastava. E o artesanato ainda não permitia a invenção de instrumentos melódicos. De modo que estranhos sons tirados da garganta devem ter constituído uma forma rudimentar de canto, que, junto com o ritmo, resultou na mistura de palmas e roncões, pulos e uivos, batidas e berros. Era o que estava ao alcance do homem primitivo. E terá sido um estilo que resistiu a séculos. Contudo, segundo os atuais conceitos de música, essas tentativas de expressão foram demasiadamente pobres para se enquadrarem na categoria de arte musical. Mas, do ponto de vista histórico, elas tiveram uma importância enorme. Porque a sua rítmica elementar acompanhou o homem à medida que este se espalhava sobre a Terra, formando culturas e civilizações. E evoluiu com ele, refletindo todas as transformações que a humanidade viveu até chegar a ser como é agora.

Os primeiros elementos – A noção que hoje se tem da música como "uma organização temporal de sons e silêncios" não é nova. Civilizações muito antigas já se aproximaram dela, descobrindo os elementos musicais e ordenando-os de maneira sistematizada. Os historiadores têm encontrado inscrições as quais indicam que um caráter nitidamente ritualístico impregnava a maior parte da criação musical da Antigüidade. Por muito tempo as formas instrumentais permaneceram subdesenvolvidas. Predominava a música vocal. Essa forma, adicionando à música o reforço das palavras, era mais comunicativa e as pessoas assimilavam-na melhor. Assim se explica o grande desenvolvimento que atingiu entre os antigos. Os povos de origem semita cultivavam a expressão musical, tornando-a bastante elaborada. Os que habitavam a Arábia, principalmente, distinguiram-se pela criatividade. Possuíam uma ampla variedade de instrumentos e dominavam diferentes escalas.

MÚSICA ORIENTAL

Segundo parece, os orientais tocavam sobretudo para dançar, pois foi entre eles que surgiu a "Suíte de Danças", um gênero que sobrevive ainda hoje. A Bíblia mostra que também os judeus tinham a música como hábito. Davi fala sobre ela nos "Salmos", e diversas outras passagens bíblicas contêm menções a respeito. Na China, o peculiar era a própria música, devido à sua monumentalidade. Os chineses utilizavam nada menos que 84 escalas (o sistema tradicional da música ocidental dispunha de apenas 24). A variedade da sua instrumentação era imensa. E já por volta do ano 2255 a.C. o domínio sobre a expressão musical atingia tal perfeição entre eles, que sua influência se estendia por todo o Oriente, moldando a música do Japão, da Birmânia, da Tailândia e de Java. Na Índia, a música faz parte da vida do povo. Integra a envolvente unidade de seu mundo místico, como arte eminentemente espiritual e, ao mesmo tempo, profundamente humana. O fundamento da música indiana é o canto, e sua essência é a improvisação sobre o tema. O musicista indiano é o compositor e seu próprio intérprete. A música do Oriente, em geral, é modal, tal como a dos gregos; assim, a música parece “plana e lisa”, pois carece da *sensível* para a resolução dos elementos harmônicos. Esse tipo de música não conhece o temperamento igual e baseia-se em intervalos naturais. Na Índia, por exemplo, a oitava é dividida, geralmente, em vinte e dois intervalos, que correspondem às proporções simples da série harmônica. O uso de intervalos menores do que o semitom, os chamados *shrutis* — os quais, entretanto, são relativos à primeira nota da escala e não podem ser definidos matematicamente — permite uma divisão da escala em até trinta intervalos. Na China, em torno do séc. III a.C., organizou-se um centro imperial para o estabelecimento de um sistema absoluto de diapasão. A música chinesa usava uma escala *pentatônica*, uma escala de apenas cinco sons, sem semitons. No Japão e na Coreia, temos teoria semelhante (no Japão, por exemplo, uma das escalas mais utilizadas na Música Erudita Tradicional é a seqüência mi-sol-la-si-ré. Muitas dessas escalas foram retiradas dos próprios instrumentos musicais utilizados, como o Shamisen, o Koto, a flauta etc.)

INFLUÊNCIAS FUTURAS

MÚSICA DA ANTIGÜIDADE

Foram os gregos que estabeleceram as bases para a cultura musical do Ocidente. A própria palavra música nasceu na Grécia, onde "*Mousiké*" significava "A Arte das Musas", abrangendo também a poesia e a dança. O ritmo era o denominador comum das três artes, fundindo-as numa só. Dessa forma, a Lírica era um gênero poético, mas seu traço principal era a melodia e até seu nome derivava de um instrumento musical - a Lira. Como os demais povos antigos, os gregos atribuíam aos deuses sua música, definindo-a como uma criação integral do espírito, um meio de alcançar a perfeição. Seu sistema musical apoiava-se numa escala elementar de quatro sons - o *Tetracorde*. Da união de dois tetracordes formaram-se escalas de oito notas, cuja riqueza sonora já permitia traçar linhas melódicas. Estas escalas mais amplas – os *Modos* – tornaram o sistema musical grego conhecido posteriormente como Modal. O canto prendia-se a uma melodia simples, a Monodia, pois os músicos da Grécia ignoravam as combinações simultâneas de sons (harmonias). Mas nem por isso deixavam de caracterizar com seus Modos um sentido moral – o *Ethos* –, tornando os ritmos sensuais, religiosos, guerreiros, e assim por diante. Uma vez que os ritos religiosos quase não mudavam, conservando a tradição, com o tempo criaram-se melodias-padrão, muito fáceis e conhecidas de todos. Eram os *Nomoi*, cujo acompanhamento se fazia com a Cítara e o Aulos. A cítara descendia da lira e, como ela, tinha cordas. O aulos era um instrumento de sopro, ancestral do nosso oboé. Partindo dos *Nomoi*, a música da Grécia evoluiu para a lírica solista, o canto conjunto e o solo instrumental. Depois, vieram as grandes tragédias inteiramente cantadas, que marcaram o apogeu da civilização helênica (do século VI ao século IV a.C.). Daí por diante, a decadência do povo encaminhou a música da Grécia para o individualismo e o culto às aparências. Parecendo prever a dominação que lhes seria imposta pelos romanos, os gregos ironizavam a sua própria destruição.

Em Roma, a arte da cópia – A cultura dos romanos era muito menor do que o seu poderio, de maneira que a conquista da Grécia lhes veio bem a calhar: a avançada civilização grega oferecia-lhes tudo o que não tinham em ciência, arte e refinamento. Recolhendo os melhores elementos do patrimônio grego, trataram de copiá-los com capricho e depois apresentaram-nos como produto próprio entre os demais povos que tinham sob domínio. Mas não foram muito além desse trabalho de divulgação. Particularmente no caso da música, Roma quase nada acrescentou àquilo que se havia desenvolvido na Grécia. Sua contribuição ao progresso musical destacou-se, contudo, pela invenção de alguns instrumentos como a Tíbia (uma espécie de gaita-de-foles), a Tuba (precursora do trombone) e um órgão primitivo, provavelmente hidráulico ou pneumático. Entretanto, parece que esse órgão não era original. Alguns pesquisadores afirmam que um egípcio chamado Ctesíbio já havia criado um aparelho do mesmo tipo dois ou três séculos antes da era cristã.